

ROBERTO D'ÁVILA: ESTUDO DO COMPORTAMENTO ÉTICO DO JORNALISTA NA ENTREVISTA COM O PRESIDENTE INTERINO MICHEL TEMER

Vinícius Scheffer Sieglitz Cardoso¹

Lize Búrigo²

Resumo: Esta pesquisa norteou-se na entrevista do jornalista Roberto D'Ávila, no canal de TV Globonews, tendo como convidado o ex-presidente Michel Temer, que na ocasião era interino, após o afastamento da presidente Dilma Rousseff durante processo de *impeachment*. O objetivo deste trabalho foi observar se os princípios éticos do jornalismo estiveram presentes nas perguntas e questionamentos realizados pelo jornalista ao presidente interino, no ano de 2016, época de instabilidade na política brasileira. Para realização deste estudo de caso, a fundamentação teórica teve como base autores especialistas em ética, jornalismo e entrevistas políticas (Chagas, 2006), (Lage, 2001), (Santayana, 2006), (Barbeiro e Simons, 2018), além do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Ao finalizar a pesquisa, pode-se concluir que Roberto D'Ávila cumpriu princípios éticos do jornalismo durante a entrevista com Michel Temer, por meio de um diálogo franco, mas sem perder o respeito com o entrevistado, e de forma isenta, não demonstrando preferência política, moral, religiosa. Estabelecendo conexão com o público, ao fazer questionamentos de interesse da nação, cumprindo o dever do jornalismo de informar com veracidade.

Palavras-chave: Ética. Roberto D'Ávila. *Impeachment*. Entrevista. Michel Temer.

1 INTRODUÇÃO

A ética é uma palavra grega “*éthos*” que remete a algo correto, que seja costumeiro, e que faça parte da rotina. Por conta disso, leis foram criadas para que a ruptura ética não aconteça, e, caso aconteça, o culpado possa ser punido.

¹ Graduando em Jornalismo. E-mail: viniciussieglitz@gmail.com

² Professora Mestre da UniSatc e orientadora deste trabalho. E-mail: lize.burigo@satc.edu.br

Falar sobre ética é lembrar os antigos ensinamentos de uma época em que o homem começou a conviver em sociedade e, a partir dessa experiência, passou a estabelecer normas de comportamento e convívio. Dessa convivência dos grupos societários surgiu a ética, cujos valores até hoje permanecem e vão se modificando, sendo questionados e até mesmo banalizados ou esquecidos (EGG, 2012, p. 5).

No conceito da Filosofia, ao analisar as narrativas de Sócrates (ano 470 a.C.) e Platão (ano 427 a.C.), mesmo vivendo em épocas diferentes, há semelhança. Conforme Kiper (2010), para Platão, nós, como seres pensantes, atuantes e respondendo a estímulos ou não, somos tomados por decisões diariamente que nos levam a caminhos éticos ou não. São questionamentos que nos fazem navegar em situações que podem “manchar” a ética do indivíduo.

Nessa busca, o ser humano teve que tomar conhecimento do Outro e do Mundo e, em consequência, teve que refletir sobre a questão dos valores. E, assim, ao lado de filósofo (fazendo perguntas) e pesquisador (procurando respostas), teve que lidar também com a ética (valores) (KIPER, 2010, p. 224).

Segundo Egg (2012, p. 8), “a fortaleza ou valentia é a virtude do entusiasmo, ou seja, dos impulsos de vontade e ânimo”, colocando que seria da vida impulsos tomados e que nos momentos que fossem oportunos ao indivíduo ele seria ético ou não, tornando, de certa forma, um ser que pensa, porém está sempre preparado para agir.

No conceito do jornalismo, a ética, para Pena (2005 p. 113), “pressupõe qualquer ação que se transforme na divulgação de informações e notícia”. O jornalista deve ser um profissional ético, pois a sua função é de reportar ao seu público, seja ele leitor, ouvinte ou telespectador.

Conforme demonstra Lage (2001, p. 42), “o público tem o direito de ser informado e isso é regra para os jornalistas, não para muitos de seus interlocutores, ainda que liberais. É também a base de qualquer ética aceitável pelos jornalistas”. São nesses princípios de ética, que tem como base na vertente filosófica, e um código específico para jornalistas, que este artigo se sustenta.

O presente estudo traz como proposta a reflexão acerca dos valores éticos jornalísticos empregados pelo jornalista Roberto D’Ávila, durante a entrevista em seu programa na Globonews, na data de 21 de junho do ano de 2016. Assim, tem-se como problema de pesquisa: sob a ótica do jornalismo, qual foi a conduta ética de Roberto D’Ávila na entrevista com o presidente interino Michel Temer durante o processo de *impeachment*, da então presidente do Brasil, Dilma Rousseff, no programa Roberto D’Ávila, da Globonews?

Em busca dessa resposta, a pesquisa se direciona com objetivo geral de observar a entrevista do jornalista Roberto D'Ávila com o presidente interino Michel Temer, perceber se os princípios éticos do jornalismo estiveram presentes no programa Roberto D'Ávila, da Globonews, no ano de 2016.

Para analisar a conduta do jornalista, etapas foram estabelecidas junto aos objetivos específicos. A primeira delas foi compreender os conceitos da ética filosófica, os valores deontológicos e a ética profissional no jornalismo. Em seguida, foi preciso identificar o papel do jornalista diante da ética profissional. Além de entender a relação entre o jornalismo político e o papel do entrevistador. E, por fim, observar a ética jornalística do jornalista Roberto D'Ávila, no papel de entrevistador, e seu comportamento perante um fato político polêmico no Brasil.

Trata-se de uma pesquisa básica quanto a sua natureza com viés exploratório porque, para Clemente (apud GIL, 1999, p. 43), “este tipo de estudo visa proporcionar um maior conhecimento para o pesquisador acerca do assunto, a fim de que esse possa formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos posteriores”. Quanto à abordagem, é uma pesquisa qualitativa, pois os resultados não vão ser mensurados por meio de números levando em consideração apenas aspectos subjetivos.

Quanto aos procedimentos, é um estudo de caso porque investiga o comportamento do jornalista com o objetivo de entender fenômenos sociais complexos, conforme explica Yin (2001) O trabalho também foi desenvolvido com base em uma pesquisa bibliográfica com auxílio de artigos de pesquisa, livros, e o audiovisual da entrevista com o presidente interino Michel Temer concedida ao Roberto D'Ávila, da Globonews³. Para interpretação dos dados, foram escolhidas somente as perguntas relacionadas ao processo de *impeachment* da então presidente do Brasil, Dilma Rousseff.

Considera-se que a realização do trabalho é relevante, pois o tema escolhido evidencia o comportamento ético que um jornalista deve seguir diante de fatos polêmicos e de importância ao país. Além disso, Roberto D'Ávila, na entrevista com o presidente interino, Michel Temer, representa a população, função que um entrevistador deverá exercer colocando pontos de debate, realizando perguntas e comentários pertinentes à situação do Brasil.

³ Encontrado no endereço eletrônico do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/roberto-ferraretto-d-avila>>. Acesso em: 15 set. 2020.

Ainda assim, a pesquisa apresenta um repertório bibliográfico adequado para que seja possível observar e identificar as questões efetuadas, a conduta tomada e o conhecimento histórico apresentado por D'Ávila na entrevista.

O estudo também pode ser considerado viável ao mercado de trabalho porque facilita na identificação de profissionais e suas condutas éticas que podem ser considerados exemplos ou não ao público como mediadores da informação. Desse modo, o trabalho serve como base para os estudantes da área da comunicação, já que assim eles poderão se nortear os princípios éticos aqui debatidos. Por fim, a temática tem importância pessoal, pois contribui para a formação acadêmica, visto que o posicionamento ético em entrevistas é para eliminar ambiguidades fundamentadas na opinião.

2 ÉTICA E DEONTOLOGIA NO CONCEITO FILOSÓFICO

A origem do pensamento sobre a definição de ética é datada em, aproximadamente, 400 a.C., o auge dos filósofos gregos. Foi nesse período que pensadores como Platão (427 a.C. – 347 a. C.) e Aristóteles (384 a. C. – 322 a. C.), ao observar o agir do homem, fundamentam teorias sobre o ser ético.

Conforme Ferrer e Alvarez (2005, p. 28), “a ética é saber racional, como reflexão crítica sobre o fato da vida moral”. Sob o mesmo ponto de vista do autor, existem três classificações para ética: descritiva, normativa e filosófica. A primeira é a ciência dos fatos morais, tanto coletivos quanto individuais. A segunda consiste em juízos prescritivos, a qual ensina como devem atuar os agentes morais. Já a última, que é o principal foco deste estudo, explica sobre a reflexão moral, com a função de descobrir e entender a validade de um sistema moral, pois explora os preceitos éticos. Por meio da reflexão moral a presente pesquisa se norteará para que de modo mais assertivo avalie a conduta profissional do jornalista durante a entrevista.

A definição de caráter pode estar relacionada com a ética quando este tem origem biológica e/ou natural. Para Ferrer e Alvarez (2005, p. 25), “o caráter em seu sentido estritamente moral, isto é, a disposição fundamental para uma pessoa diante da vida, seu modo de ser estável do ponto de vista dos hábitos morais”. Por isso, conforme descreve o autor, entende-se que existe uma conexão entre caráter e ética quando ambos podem ser definidos informalmente, como atitudes de um indivíduo, tanto boas ou más, que possam interferir na vida coletiva.

O conceito da deontologia surgiu no ano de 1785, quando Immanuel Kant⁴ lançou o livro sobre a ética *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Para o autor, existe uma lei fundamental do dever: “Age de tal maneira que a vontade pela sua máxima se possa considerar a si mesma ao mesmo tempo como legisladora universal” (KANT, 1997, p. 76 apud KALSING, 2012, p. 142). Conforme o filósofo prussiano, o indivíduo deve se comportar de maneira compactuante com suas crenças, para que o *modus operandi* do mundo em que ele vive deva seguir o caminho mais ético.

Em 1834, o fundador da escola utilitarista, que defende a doutrina da ética, Jeremy Bentham⁵ publicou o livro “*Science of Morality*”, visão da deontologia, que buscava abranger classes sociais. O termo faz referência a um conjunto de ideias que serviam para entendimento da ética sendo base dos deveres coletivos como cidadão.

A deontologia era então a doutrina utilitarista dos deveres numa sociedade com fortes contradições sociais, com a intenção de dar pelos deveres privados um contributo público. Mais tarde o termo foi usado por classes profissionais com um estatuto elevado e que atendia uma clientela dependente. Assim nasceram as deontologias médica, farmacêutica e jurídica, ou seja, de profissões com foro humano, profissões que gozam de grande prestígio e onde o paciente/cliente necessita ter plena confiança em quem o trata ou representa (KNOCH, 2003, p. 7).

Com isso, nota-se que a deontologia estabeleceu a preocupação com o compromisso profissional, de modo que pudesse defender o cliente e a si mesmo de abusos de poder, corrupções e fraudes. Deve-se ressaltar ainda que, apesar de interpretados como sinônimos, a ética é uma doutrina pautada em costumes sociais que engloba a deontologia, sendo de tal forma confundida e não explicitada nas entrelinhas filosóficas, conforme destaca o jornalista Mauro Santayana⁶:

Há uma diferença entre *deontos e ethiké*. O primeiro vocábulo identifica como devemos nos comportar, em determinados atos no convívio com os outros, de acordo com nosso viver habitual – mas tendo como princípio a ética, isto é, a forma com que devemos agir, qualquer que seja a forma de nossa participação na vida comum. Ou seja, a deontologia é o exercício específico da ética em determinados grupos profissionais (SANTAYANA, 2006, p. 39).

⁴ (Prússia Oriental, 1724 – 1804), fez doutorado em filosofia com uma linha de estudo que pretendia entender os limites e a constituição da moral.

⁵ Filósofo inglês (1748 – 1832), que chefiou um grupo de pensadores radicais que pregavam reformas políticas e sociais com base no utilitarismo.

⁶ (Rio Grande do Sul, 1932) jornalista brasileiro que ocupou cargos de destaque nos principais órgãos da imprensa brasileira, especialmente na mídia impressa, como Folha de S. Paulo, Gazeta Mercantil, Correio Brasiliense e Jornal do Brasil, no qual mantém uma coluna sobre política.

Em consonância com o pensamento de Santayana (2006), o estudo da ética objetiva o juízo de apreciação que irá distinguir o correto do incorreto, pautado em aspectos culturais de seus idealizadores. Já a deontologia é uma parte do domínio da filosofia ética, a qual é adaptada para regulamentar uma profissão. Isso porque a deontologia possibilita que o Código de Ética Universal seja moldado nas peculiaridades de cada profissão, sem que uma se sobressaia sobre a outra, além de não permitir que ocorram falhas que possam anular o Código.

2.1 JORNALISMO E O VALOR ÉTICO

O profissional da comunicação, assim como outro ofício profissional, “precisa obedecer à ética como valor universal, e exercer seu ofício conforme suas condições específicas” (Santayana, 2006, p. 39). Desse ensinamento, pode-se deduzir que o profissional deve usar a ciência e a ética do jornalismo para que seu trabalho tenha êxito. Além disso, pode-se inferir que ele não deve se sobrepor ao conhecimento científico e nem o diminuir. Com isso, entende-se que repassar um conhecimento e ignorar as evidências científicas é um ato antiético que deve ser evitado por profissionais que buscam a excelência.

Após anos de idealizações e debates sobre os itens que deveriam ou não ser incluídos no Código, principalmente os que se referem aos deveres dos jornalistas, a Federação Nacional do Jornalistas (FENAJ), em agosto de 2007, reformulou o Código de Ética do Jornalista Brasileiro⁷.

O Código traz normas para as relações com o público, as fontes e os jornalistas, sendo primordial o direito à informação. O primeiro artigo elaborado por esse grupo de profissionais do Conselho da FENAJ traz o acesso à informação como um direito inerente à condição de vida em sociedade. Já o segundo artigo trata da divulgação que deve ser precisa e correta, independente da natureza de sua propriedade. E, por fim, o terceiro artigo ressalta que os meios de comunicação devem se pautar pela real ocorrência dos fatos e ter, no final, o interesse do coletivo.

As massas são quem recebem as informações e as adquirem por meio do jornalismo. Segundo Christofolletti (2008, p. 32), “a formação moral de um indivíduo é muito mais complexa do que geralmente se supõe”. Se o jornalista não trabalhar com ética, as formações das classes sociais serão afastadas dos seus interesses. Para Christofolletti (2008, p.13) “a ética

⁷ Disponível em https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 17 set. 2020.

pode não ser concreta, mas as consequências de uma decisão ética repercutem no plano material. E, dependendo da dimensão do erro, o resultado pode ser fatal”.

Acredita-se que para um profissional ser ético ele precisa ser o próprio agente de sua moral, sem que receba influências do meio em que atua. Analogamente a Christofolletti (2008), o autor da tese *Fundamentos de Deontologia ao Jornalismo*, Carlos Camponez, discorre sobre a importância que o profissional da comunicação denota ao exercer seu papel como moderador do discurso sendo cauteloso ao entender que seus hábitos e crenças não devem modular atitudes em seu ofício.

O recurso da ética do cuidado e do respeito no quadro de uma ética jornalística permite contrabalançar as questões que se prendem com uma visão estreita da ideologia da objetividade, sem, no entanto, recusar o compromisso e o dever de verdade dos jornalistas enquanto mediadores do discurso público (CAMPONEZ, 2014, p. 119).

Com isso, entende-se que o jornalista deve ser isento diante de uma pauta, seja ela política, econômica, religiosa. Deve, ainda, contrabalancear as visões, enquanto mediador, sem recusar o compromisso e o dever da verdade, sem ignorar os acontecimentos, e permitir que o destinatário da interlocução interprete, de acordo com seus princípios, a veracidade das informações.

O papel do profissional da comunicação vai além do repasse de informação, ele precisa tratá-la como um bem a ser compartilhado, por isso a existência de uma linha de pensamento ética faz-se necessária para que essa informação chegue ao seu receptor sem possíveis ambiguidades.

Tomando como pressuposto de que a informação é um bem social, um serviço público, empresas jornalísticas e jornalistas devem prestar contas a sociedade do que fazem, como fazem e por que fazem. Essa relação estabelece um elo forte entre ética e os meios de comunicação social que passamos a tratar agora (VIZEU, 2002, p. 5).

Por fim, acredita-se que o jornalista deve utilizar da ética como base de seu trabalho, independentemente de sua linha de raciocínio ou da empresa que ele representa, pois assim a informação será transmitida com o real valor que possui. Um mundo complexo e contraditório também se faz presente no jornalismo, em que as tensões são permanentes, tanto dentro de estúdios quanto nas ruas. A arte de interpretar e repassar os fatos faz parte do cotidiano de um jornalista. E é nesse contexto que o jornalista ético se destaca.

O jornalismo é conflito, e quando não há conflito no jornalismo, o alarme deve soar. Aliás, a ética só existe porque a comunicação social é lugar de conflito. Onde a

etiqueta cala, a ética pergunta. [...] A ética jornalística não se resume a uma normatização do comportamento de repórteres e editores; encarna valores que só fazem sentido se forem seguidos tanto por empregados da mídia como por empregadores – e se tiverem como seus vigilantes os cidadãos do público (BUCCI, 2000, p. 11-12).

Entende-se que os jornalistas são observados e julgados pela sociedade, quanto ao uso da ética, no modo de como eles transmitem as informações. Como pontua Bucci⁸, o jornalismo não segue apenas normatizações e Conselhos, mas também busca estabelecer relações entre valores pessoais e comportamento na construção da narrativa jornalística.

3 ENTREVISTA E O FATO POLÍTICO

O ato de entrevistar é a base de uma matéria. A entrevista é ferramenta essencial nessa busca, e pode assumir características escritas para portais e jornais. Assim como também é o sustentáculo do rádio, além de ser importante para a televisão, onde pode assumir diversas frentes. Isso porque é possível usar de uma notícia factual com a presença de entrevistados ou em programas nos quais as fontes têm valor histórico. É o caso da entrevista do ex-presidente Michel Temer ao jornalista Roberto D'Ávila, âncora do programa, fonte de estudo deste artigo.

A entrevista é parte fundamental do trabalho jornalístico. É elemento essencial à compreensão dos fatos. Aliás, não só no momento da reportagem, mas no desempenho da profissão, em suas diversas frentes. Sendo assim, jornalistas tendem a levar certa vantagem sobre o entrevistado. Treinam muito mais, logo, estão mais preparados (BARBEIRO; SIMONS, 2018, p. 100).

Como é citado no livro “A Reportagem”, de Nilson Lage, as entrevistas podem ser em forma de rituais, as quais são breves e focam no entrevistado, tendo como presença o momento, tempo e o acontecimento. Segundo Lage (2001, p. 32), “em geral, frustra-se o esforço para encontrar algo importante no que é declarado”. A entrevista, em forma de ritual, nem sempre pode ser finalizada de maneira devida, isso porque as formalidades acabam assumindo papéis de protagonistas, no lugar do entrevistado. Entende-se como formalidades: tempo de entrevista, local, respostas que não condizem com o tema proposto, cerimoniais.

Além disso, as entrevistas podem ser de cunho temático, conhecidas por abordarem um tema, sobre o entrevistado apresenta autoridade. Também existem as entrevistas testemunhais, que acontecem por meio de um relato do entrevistado. E, por último, as

⁸ (Orlândia – São Paulo, 1958) advogado e jornalista, foi editor das principais revistas do Grupo Abril e atualmente leciona na Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo (USP).

entrevistas em profundidade, que faz parte do estudo do presente trabalho e possui características emocionais, discorrendo sobre a vida do indivíduo e o mundo em que ele participa.

O ato de entrevistar, apesar de parecer informal, tem fundamentações que servem para deixá-lo mais profissional. Conforme Chagas (2006, p. 159), “entrevistar é decifrar. Um fato, uma situação, uma pessoa. É descobrir, descortinar, trazer à luz o desconhecido, o inesperado, às vezes o intuído, mas nunca revelado”. Com isso, entende-se que a entrevista é o alicerce para trazer à tona a opinião do entrevistado.

As entrevistas realizadas em cadeias televisivas, segundo Lage (2001), podem ser ao vivo ou gravadas, ocorrendo mesmo com limitações e contratempos. Além disso, o autor ainda destaca a importância da presença do entrevistado, pois é nessa hora que o telespectador poderá observar suas vestimentas, gestos e fisionomia, que retratam parte da intimidade do entrevistado. Quando se observa o programa de entrevistas de Roberto D’Ávila, na GloboNews, pode-se notar que ele utiliza entrevistas categorizadas como dialogais.

Estas são definidas, por Lage (2001), como entrevistas de excelência, que apresentam como característica: o agendamento prévio entre o entrevistado e o entrevistador, em um ambiente propício, com um tom formal a fim de buscar uma hierarquia. O autor ainda pontua que entrevistas individuais são chamadas de exclusivas, porém não passam de marketing, pois as entrevistas individuais, observada do ponto crítico são exclusivas.

Apesar dos papéis interrogativos que a entrevista assume, não pode ter caráter pessoal, como já foi citado. O entrevistador é um mediador do discurso, ele utilizará de seu conhecimento prévio, estudo sobre a causa e dos acontecimentos atuais para formular questões ou tópicos que serão discorridos durante a entrevista. Barbeiro e Simons (2018, p. 103) evidenciam que “o entrevistador deve lembrar-se de que a entrevista não é para ele. Ele representa o público ou uma parcela da opinião pública”.

Por isso, para se ter êxito, o entrevistador deve ser ético e não pode sucumbir à cadeia hierárquica da televisão, para que o público entenda o que aconteceu segundo a visão do entrevistado. Com isso, ainda em consonância com o autor, o entrevistador deverá utilizar de seus conhecimentos para que o telespectador seja o único beneficiado com a retórica.

No jornalismo político, a missão do entrevistador é entregar ao público fatos e informações que um agente político pode tentar esconder. Uma entrevista política tem como fundamento provocar a sociedade a refletir, dando condições de exercer seus direitos, deveres e, assim, fazer suas escolhas. O problema na concepção da jornalista Helena Chagas trata do indivíduo que não quer ser decifrado, “ainda mais em política, atividade em que o discurso e a

palavra servem de instrumento para construção de imagem no jogo ilusório das aparências” (CHAGAS, 2006, p. 159).

O jornalista político, assim como outro profissional da comunicação que utilize de política em seu trabalho, deve identificar o seu papel na sociedade e ser cauteloso com o discurso apresentado. Isso porque se sabe que o jornalismo político tem o poder de influenciar opiniões populares, assim como também pode ser causador de críticas.

A emergência do jornalismo político como categoria espacial/ocupacional, ou seja, território demarcado na morfologia dos jornais/revistas (impressos ou eletrônicos), ensejando rotinas produtivas específicas, não constitui fenômeno generalizado no atlas do jornalismo contemporâneo. Sua intensidade é maior em sociedade onde a democracia representativa ainda está em fase de sedimentação; residual ou nula nas democracias consolidadas (MELO, 2008, p. 91)

Segundo Melo (2008), percebe-se que em democracias não formadas, com estruturas abaladas, o jornalismo político tem papel norteador de informações, que contribui para que a população escolha o caminho. Já em democracias fundamentadas ele funcionará como uma bússola e participará como um fiscal para eventuais erros.

Outro local em que o jornalismo político atua é nas democracias, nas quais uma parcela da população não entende a importância de ambos. Isso é desfavorável, pois pode causar uma descrença na democracia, sendo assim o jornalismo político é um dos mediadores capazes de ajudar na recuperação ou, se necessário, afundá-la.

4 IMPEACHMENT X PRESIDENTE INTERINO

No mês de outubro do ano de 2014 a chapa composta por Dilma Rousseff (PT) e Michel Temer (PMDB) conquista a reeleição como presidente e vice-presidente do Brasil, respectivamente. O país estava prestes a adentrar uma crise econômica, e somado a isso as manifestações de 2013 ajudaram a enfraquecer o governo atual.

Contudo, um mês depois de sua eleição, o governo anunciou reformas na direção oposta. Paralelamente às eleições, vinha se desenvolvendo a Operação Lava Jato, que ligou diversos políticos e empreiteiros a escândalos de corrupção na Petrobras, a maior estatal do país. (FALCÃO et al., 2017, p. 19).

Eduardo Cunha, após diversas trocas de partido, naquele momento representava o PMDB-RJ, seria mais um obstáculo à presidente. Após votação, o deputado peemedebista foi eleito presidente do Congresso Nacional, ganhando por 49 votos de diferença do candidato do

Partido dos Trabalhadores, Arlindo Chinaglia. A presidente perdia espaço para Cunha dentro do Congresso, pois a chapa Dilma/Temer, eleita do ano de 2014, tinha pedidos para o processo de impedimento entregues na Câmara e diversas ações sobre a validação das eleições no Tribunal Superior Eleitoral.

Por outro lado, Cunha era um dos 54 nomes investigados pela Operação Lava Jato, desgastando seu nome na casa e com o Governo. Além disso, o conselho de ética recebeu acusações que poderiam levar à perda de seu mandato. De acordo com Falcão et al. (2017, p. 20), “a crise política atingiu seu ápice em dezembro de 2015, com ataques mútuos entre o governo e Eduardo Cunha”. Sendo assim, em dezembro de 2015, Cunha recebe o processo de *impeachment* contra Dilma, o qual alegava crime de responsabilidade. Deve-se ressaltar ainda que tanto a presidente quanto o vice possuíam outros processos de impedimento que foram arquivados pelo líder da Câmara, Eduardo Cunha. No caso da chefe de Estado, a ação teve início por conta de pedaladas fiscais, uma manobra na contabilidade realizada pelo Poder Executivo para cumprir metas, para equilibrar gastos e despesas na máquina pública.

Após julgamento do Superior Tribunal Federal, uma comissão especial da Câmara foi formada para a análise do processo, na qual estavam presentes 65 deputados de 24 partidos. Tendo aprovação, o processo percorre pelo Congresso, isso permite que Michel Temer assume interinamente a Presidência da República. Ao chegar no Senado Federal, a presidente afastada também não tem os votos necessários, e no dia 31 de agosto de 2016 o rito é concluído e Dilma Rousseff é destituída do cargo.

4.1 BIOGRAFIA DE ROBERTO D'ÁVILA

Roberto Ferraretto D'Ávila, nascido no dia 13 de fevereiro de 1949, na cidade de São Paulo, formou-se em Jornalismo no ano de 1975 pela *École de Formation de Journalisme* de Paris, completou sua formação em História, também na França, e é bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo.

Apesar de sua formação ser voltada para a área da comunicação, D'Ávila também fez carreira política. Filiado ao Partido Democrático Trabalhista (PDT), desempenhou funções no âmbito internacional. No ano de 1986 foi eleito deputado federal constituinte pelo Rio de Janeiro, seu objetivo de campanha era democratizar os meios de comunicação. Após formalizar desejo de candidatura à prefeitura da capital fluminense, o jornalista acaba integrando a chapa vencedora como vice-prefeito. A pedido do então governador carioca, Leonel Brizola, Roberto D'Ávila ficou encarregado de organizar a Conferência das Nações Unidas sobre Meio

Ambiente e Desenvolvimento (RIO-92) e comandou negociações com bancos para a despoluição da Baía de Guanabara.

No ano de 1996, Roberto D'Ávila retorna para a carreira na televisão como apresentador do programa Conexão Roberto D'Ávila, da TV Bandeirantes, tendo como seu primeiro entrevistado o então presidente Fernando Henrique Cardoso. Em março de 2014, Roberto D'Ávila estreou na GloboNews com um programa de entrevistas semanais, colocando em pauta nomes de evidência. Sua entrevista tende a fluir em um clima franco e reflexivo sobre política, economia e cultura. Ao longo dos seus 40 anos de carreira entrevistou nomes mundiais, como Fidel Castro, Mick Jagger, Gabriel García Márquez, Jorge Amado, Vinícius de Moraes, Oscar Niemeyer e Tina Turner.

Na estreia do seu programa na GloboNews, Roberto D'Ávila recebeu o ministro Joaquim Barbosa, um dos principais relatores do mensalão e, na ocasião, presidente do Superior Tribunal Federal. Segundo Nunes (2017), o padrão de duração das entrevistas é de 30 minutos, porém algumas extrapolam o tempo, como foram os casos das entrevistas com Barbosa, com duração de 48 minutos, e Michel Temer, 47 minutos. Pode-se ainda ressaltar que o cenário escolhido pelo jornalista é parte integrante da entrevista. Esses ambientes são selecionados de acordo com o perfil do entrevistado. No programa com o presidente interino o local escolhido foi o Palácio do Jaburu, revelando um grau de formalidade para a entrevista.

4.2 PERGUNTAS DA ENTREVISTA

No programa de Roberto D'Ávila com Michel Temer foram ao ar 87 perguntas. Para este estudo optou-se por averiguar apenas aquelas relacionadas ao processo de *impeachment*, como meio de reflexão acerca dos valores éticos jornalísticos empregados pelo jornalista. As perguntas selecionadas estão na tabela abaixo:

Tabela 1 - Perguntas que o Jornalista Roberto D'Ávila realizou dentro do tema impeachment para o presidente Michel Temer

1	– Presidente, muito obrigado, na última vez que conversamos o senhor era vice-presidente, agora o senhor é presidente interino, em agosto, teremos a votação no Senado. O senhor precisa de dois terços e a presidente Dilma de um terço. O senhor tem 22 votos e precisa de mais 5 votos, mais ou menos cinco, seis votos, como o senhor está sentindo essa votação, tem conversado com os indecisos?
2	– Presidente, não me enrola o senhor conversa com eles, evidente;

-
- 3 – Agora, governar interinamente é mais difícil, né?
- 4 – Agora, a presidente Dilma, se voltar, tem falado em oferecer um plebiscito para que haja eleições, seria junto com as eleições agora de outubro, uma pergunta para a população é se você gostaria que houvesse eleição direta, o senhor embarca nessa tese ou não? A não ser que abra o chão nos seus pés.
- 5 – Senhor acha que ela não tem mais a governabilidade, digamos assim, não teria;
- 6 – Não só a narrativa da presidente Dilma, quanto PT é de golpe tentam pregar a peça de traidor no senhor;
- 7 – Presidente, não é um pouco vou colocar entre aspas “mesquinho” tirar verbas da presidente e tirar os aviões, não fica uma coisa...;
- 8 – Não foi tirado o avião dela?
- 9 – Só pro estado dela?
- 10 – Nem luxo?
- 11 – Alias, nós temos a questão do Rio de Janeiro, nós vamos ter Olimpíadas, né? O senhor estará, provavelmente, indo como interino, a presidente Dilma, disse que vai também, como é que vai ser essa saia justa?
- 12 – E tem uma questão das vaias, né?
- 13 – Mais essa questão dos dois lá, vai ser complicada, né;
- 14 – Outra coisa que causou assim, espécie na população, foi esse aumento do funcionalismo desemprego no Brasil, população ganhando mal, sabe, um certo desespero porque a economia está parada, um aumento no funcionalismo como se fosse uma ilha, nada a ver com isso...;
- 15 – Alguma notícia boa fora corte de gastos?
- 16 – A história da república tem sido uma história de golpes, *impeachment*, de renúncia, de suicídio né, como o senhor pretende passar pela história?
-

-
- 17 – O senhor falou em Supremo, eu falei em Supremo e me lembrei do Latim, que é um língua que o senhor gosta muito, estudou muito Latim, aliás fizemos a mesma faculdade de direito, tínhamos o mesmo professor de Direito Romano, que às vezes fazia aulas... aquela carta que o senhor mandou pra presidente Dilma? Vazou que o senhor começa com uma frase em Latim, “as palavras voam, as escritas permanecem” (*Verba volant, scripta manent*). Aquela carta, era uma carta meio íntima, era pra ser vazada ou não? Quem é que vazou aquela carta?
- 18 – O senhor foi vice-presidente da presidente Dilma 4 anos, já sabia como ela era, o senhor reclamou que ela não dava a menor atenção ao senhor na política, por que o senhor quis ser vice-presidente de novo?
- 19 – O senhor sempre foi muito cauteloso em falar da presidente e tal, mas agora, fala a verdade, era muito difícil a relação de vocês?
- 20 – O senhor disse que está um pouco tolhido pelo fato de ser interino, digamos que agosto chegue, passe o *impeachment*, o que o senhor vai fazer pelo Brasil, quais as primeiras medidas?
- 21 – Presidente, a verdade, se tudo der certo, o senhor é candidato à reeleição?
- 22 – Passado do *impeachment*, e se o senhor continuar, política externa, o Serra anda mexendo muito nas coisas, o que vai que na primeira viagem para os Estados Unidos?

Fonte: Entrevista exibida na GloboNews (2016).

5 ANÁLISE DOS DADOS

Durante a entrevista, Roberto D’Ávila dirigiu ao presidente interino Michel Temer 87 perguntas que abordavam assuntos como a operação Lava-Jato, políticas externas e internas, conversas com parlamentares, Movimento Democrático Brasileiro (MDB, partido do então presidente) e família. Mas a pauta central, pela quantidade de perguntas feitas, era o *impeachment*, pois o país passava por um processo de impedimento de uma presidente. Portanto, para esta pesquisa foram selecionadas 22 perguntas relacionadas ao pedido de perda do cargo da então presidente Dilma Rousseff.

Como já identificado no estudo proposto, o programa em seu formato original revela características de entrevistas em forma de rituais, conforme explica Lage (2001). Nelas, o foco é quem está sendo entrevistado, porém formalidades como local da entrevista, trajes, caminhos pelos quais ocorre a condução também são elementos de destaque, como o caso de Temer - a gravação foi realizada no Palácio do Jaburu, sede do vice-presidente.

Temer estava a poucos dias no cargo de interino, além disso, o Partido dos Trabalhadores acusava-o de golpe e a centro-direita seguia como apoio nacional ao processo de *impeachment*. Podemos destacar que no caso específico da entrevista com Michel Temer a condução do programa seguiu padrões em forma de ritual, apesar da entrevista não ser realizada na casa do presidente, e sim em seu novo ambiente de trabalho, mas a entrevista em profundidade esteve em boa parte das perguntas presentes, pois trouxe características emocionais, as quais discorreram sobre a vida do indivíduo e o mundo em que ele participa, no caso o processo de *impeachment*, no qual Temer foi beneficiado.

Na democracia, se eleitores estão descontentes com o governo, mudam, ganhando novas eleições. Se são congressistas os descontentes, depende. No parlamentarismo, propõe-se voto de desconfiança. Se ganham, mudam o governo. Não é nosso caso, no presidencialismo pede-se *impeachment* (FALCÃO et al., 2017, p. 21).

A primeira pergunta marca o início da entrevista e como já destacado revela que a pauta do impedimento de Dilma Rousseff seria constantemente abordada. D'Ávila relembra a última conversa entre eles, na qual Temer era vice-presidente da República, ele prevê a votação no Senado, tendo em vista que para o interino ser presidente teria que alcançar dois terços dos votos, enquanto a presidente, que já tem 22 votos, precisaria alcançar em torno de mais seis. O entrevistador finaliza a pergunta indagando se Michel Temer mantém contato com os senadores indecisos.

Observa-se que D'Ávila utiliza os preceitos estabelecidos por Lage (2001), quando este afirma que o papel do jornalista é de informar o público, pois na pergunta o jornalista já revela dados para compreensão do telespectador sobre qual é prática da contagem de votos tradicional para aprovações nas casas legislativas do país.

No segundo questionamento, Roberto D'Ávila conversa com o presidente em tom de ironia, pedindo para que ele não o enrolasse e afirmando que a conversa entre Temer e os senadores existia, tudo isso em uma linguagem informal, aparentando ser íntimo, embora tratando-se de uma entrevista com o presidente da República. Apesar de utilizar um linguajar informal, a pergunta consegue retirar falas do interino, que afirmam a existência das conversas,

colocando o jornalista novamente como o informante do público (LAGE, 2011). Além disso, o jornalista utiliza do artigo 6º inciso II, o qual discorre sobre a responsabilidade de divulgar e de informar dados de interesse social.

A terceira pergunta é realizada com mais sutileza, quando o telespectador entende que o jornalista se coloca no lugar do presidente, ao indagar sobre a dificuldade de governar interinamente. Para Ferrer e Alvarez (2005), a "experiência moral" ajuda a pensar nas diversas realidades vividas pelos indivíduos. Antes de elaborar qualquer pergunta, essa moralidade pode ser equiparada à ética. Quando o entrevistador consegue observar que existem obstáculos no governo interino, ele utiliza de seus conhecimentos políticos anteriores, e, conseqüentemente, de sua experiência.

No seguimento da entrevista, o quarto questionamento trata de uma possível volta da presidente Dilma, quando ela propõe um plebiscito, junto à eleição municipal de 2018, em que a população decidiria sobre a ocorrência de uma eleição direta para presidente. D'Ávila, por tal experiência, demonstra diversos cenários possíveis, dos quais muitos não seriam benéficos para o presidente colocando Temer em uma situação de embaraço. Barbeiro e Simons (2018), abordam as entrevistas como um pilar do jornalismo, por colocar o jornalista, algumas vezes, com uma certa vantagem, pela prática habitual e o conhecimento sobre o tema em discussão.

A quinta indagação do jornalista é sobre a governabilidade de Dilma Rousseff, quando ele, de certa forma, entendendo o pensamento de Temer e pela força do seu partido, deixa a entender que ela não tem mais como governar. O que corrobora com a reflexão de Camponez (2014), quando afirma que intermediação entre o entrevistador e o entrevistado deve buscar o equilíbrio, tolerar visões de ambos os lados, mas também deve manter seu compromisso com a verdade, para que o público faça sua interpretação diante dos fatos.

Do mesmo modo que a quinta questão, a sexta expressa a narrativa da presidente e a fala do PT, que segundo o partido estaria sofrendo um golpe e coloca Temer como traidor. Assim, fazendo jus ao papel de intermediador que Camponez (2014), expõe em sua fala, colocando as diversas opiniões na entrevista.

Da sétima à décima pergunta D'Ávila manifesta que alguns dos bônus presidenciais foram retirados de Dilma, como verbas, luxos e aviões, sugerindo ato de mesquinhez. Segundo Bucci (2000), o jornalismo traz conflito, quando a formalidade cai por terra e a ética questiona, sendo uma espécie de vigilante da informação, expondo as fragilidades nas questões, assim como a retirada de alguns privilégios da presidenta afastada.

Na sequência, as perguntas 11, 12 e 13 demonstram um entrevistador preocupado com a imagem do país em um evento mundial, que são as Olimpíadas. A preocupação decorre do encontro entre Temer e Dilma na cerimônia de abertura, já antecipando um cenário inconveniente, com probabilidade de vaia. Roberto D'Ávila, por já ter sido político, entende que, como evidencia Chagas (2016), os discursos políticos são importantes para construir imagens num duelo de aparências, porém ilusórias. Isso porque o indivíduo não quer ser desvendado, ainda mais quando envolve assuntos políticos e sociais.

Como é o caso do encontro entre a presidente e o vice na cerimônia de abertura, já que, apesar de ela estar em processo de *impeachment*, ainda ocupava o lugar de chefe de estado, sendo assim, as relações entre ela e vice deveriam transparecer tranquilidade diante de um evento de importância mundial. O que corrobora com o evidenciado por Chagas (2006), quando afirma que os discursos constroem imagens e, no caso, envolvem um possível vexame público perante um evento esportivo mundial, com possibilidade de repercussão internacional. A pergunta trouxe um certo desconforto entre o jornalista e o entrevistado, mas D'Ávila manteve o foco. De acordo com Lage (2001, p. 35).

Outra chave é manter o comando da conversa, impedindo que ela se desvie do tema, seja por digressões do entrevistado seja pela discussão da validade ou oportunidade da entrevista mesma. A melhor estratégia, quando isso acontece, é apresentar nova pergunta, mudando o assunto, para retornar posteriormente ao ponto problemático. Não se deve questionar mais do que o necessário, nem insistir em linhas de questionamento que se constatarem improdutivas.

D'Ávila exerce a sua capacidade de manter a conversa e de comandá-la, sempre fazendo questionamentos sutis, mas sem perder o foco da pergunta. A utilização de uma redundância por parte do entrevistador revela uma estratégia que serve para observar como se comportará o entrevistado e se ele se manterá na sua linha de raciocínio. Com isso, em vários momentos da entrevista o jornalista reincide perguntas sobre o mesmo tema, tendo como objetivo conseguir de Temer a informação.

Sendo assim, o presente estudo conclui que nas perguntas 14 e 15 o entrevistador traz uma questão social ao questionar o entrevistado sobre desemprego, que cresce no país, a economia estagnada e junto ao cenário do funcionalismo que havia recebido um aumento.

Segundo D'Ávila, o funcionário público estaria em uma ilha ao ser comparado aos outros trabalhadores, sendo assim, o jornalista pergunta, se na conjuntura atual, teria uma boa notícia fora dos cortes de gastos. Pode-se notar que com essas perguntas, D'Ávila usufrui do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, no artigo 2º, inciso V, no qual discorre sobre os

crimes de censura e obstrução de informação, ao trazer para a entrevista questionamentos pertinentes, mas sem ocultar informações.

Apesar da fala de Temer ser contra o aumento do funcionalismo, D'Ávila defende uma grande parcela da população que está desempregada ou vive um arrocho salarial, sendo assim, não deixa de falar de forma positiva para a sociedade, apesar de não revelar estratégias para tal mudança. Segundo Santayana (2006, p. 44), “a deontologia do jornalista é aferida em todos os seus atos sociais [...] Em todas as horas do dia, jornalista é jornalista. E sua consciência moral se faz na dialética do cotidiano”. Pode-se inferir que a deontologia é um dos pilares que servirá de apoio para o jornalista, o qual o sustentará e mostrará a direção correta a ser seguida para que ele seja um profissional de excelência. Vale lembrar também, que a deontologia foi utilizada como base para a formulação do conjunto de deveres profissionais. Esses deveres podem ser contextualizados com o artigo 4º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007): “O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação.” Firmando assim um contrato ético com o telespectador.

Na décima-sexta questão, D'Ávila aborda um tema histórico ao afirmar que a república passou por diversos transtornos, como suicídio, no caso de Getúlio Vargas em 1954, renúncia de Jânio Quadros em 1961 e *impeachment* de Fernando Collor de Mello em 1992, e finaliza perguntando como Michel Temer gostaria de passar pela história. O entrevistador expõe algumas das fragilidades democráticas do Brasil, que apesar de fazerem parte das mazelas, quando acontecem, há um enfraquecimento político.

“*Verba volant, scripta manent*, as palavras voam, as escritas permanecem”. Nessa questão, a décima sétima pergunta, Roberto D'Ávila, após falar sobre o Supremo Tribunal Federal, lembrou-se que Temer costuma utilizar em seu vocabulário o latim, língua a que o presidente tem apreço, e a que recorreu ao escrever uma carta para Dilma Rousseff, a qual acabou vazando. E finaliza a pergunta sobre a desconfiança de quem teria vazado a mensagem.

Para Chagas (2006, p. 167 - 168), “é possível perguntar tudo, mas tudo mesmo, a um entrevistado. Até mesmo se ele roubou ou cometeu algum outro delito. Mas com dois cuidados: o primeiro, educação; o segundo, que a pergunta seja pertinente, coerente com os objetivos da entrevista”. Na pergunta em questão, D'Ávila sustenta esses dois cuidados, o respeito com o entrevistado, formulando perguntas sutis sobre temas atuais, mas sem perder o foco dela. E, também, questionamentos pertinentes com o assunto proposto abordado na entrevista.

Na pergunta de número dezoito, a indagação de D'Ávila percorre um caminho sobre a relação de Temer e Dilma no último mandato. Como presidente interino afirmou que não recebia atenção de Dilma em assuntos políticos, o jornalista utilizou desse discurso para questionar os motivos de sua escolha em continuar como vice-presidente.

Roberto, ao questionar sobre o passado de Temer, consegue assumir esses dois lados comentados pelo autor, isso porque ele utilizou da parte acadêmica e da prática, tanto como político e como jornalista, para que pudesse fazer esse tipo de questionamento incisivo, sem que permitisse duplas interpretações ou até possíveis respostas não condizentes com a pergunta feita. Aqui também pode-se observar o uso do artigo nono do Código de Ética, o qual afirma que a presunção de inocência é um dos fundamentos da profissão. D'Ávila, mesmo sabendo do mau relacionamento entre a presidente e a vice, é assegurado por esse artigo ao extrair informações do entrevistado.

Na décima nona questão, o entrevistador afirma que Temer sempre foi muito cauteloso em falar de Dilma e indaga se a relação era muito conturbada. Para Nunes (2017), uma linguagem não verbal adequada tem impacto sobre a veracidade do programa, a credibilidade tanto do entrevistador quanto do entrevistado. Durante a resposta de Temer, o jornalista permanece firme em sua expressão facial, sem demonstrar que concorda ou não com a resposta. Isso é importante para que o telespectador crie uma relação de confiança com o programa de D'Ávila, ao se assegurar de que ele tem papel único e exclusivamente de informar e de dirigir perguntas que seriam feitas caso a população tivesse essa autonomia.

Figura 1 – Expressão facial de D'Ávila durante respostas de Temer



Fonte: <http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/v/roberto-davila-entrevista-o-presidente-em-exercicio-michel-temer/5115539/#>>

A vigésima pergunta interroga sobre o futuro do país. Roberto D'Ávila é direto ao questionar sobre quais as primeiras medidas que Temer fará pelo Brasil em uma suposta

consumação do *impeachment*. Como ocorre com a pergunta do entrevistador, em que ele tem interesse sobre o futuro do país, tornando algo que ainda nem aconteceu em notícia, devido à importância de sua fonte. Entretanto, D'Ávila não deixa a ética de lado, pois, como assegura Santayana (2006), o profissional não poderia deixar de seguir a ética, como norteadora, e ainda exercer o ofício conforme as condições que são dadas.

A reeleição é o tema da 21ª pergunta. O entrevistador é pontual em questionar Michel Temer se ele concorrerá às eleições de 2018. De acordo com Chagas (2006, p. 166):

Clareza e objetividade – Em qualquer entrevista, sobre qualquer assunto, com qualquer pessoa, o jornalista deve fazer perguntas claras, curtas e isentas. Na entrevista política não pode passar a impressão nem de que está levantando a bola para o entrevistado, permitindo que ele fale apenas do que quer ou se desvie do assunto em questão, e nem de que está tentando induzi-lo a dizer qualquer coisa que não queira. A pergunta não pode dar oportunidade para que o entrevistado saia pela tangente e não responda nada.

A autora discorre sobre duas características da entrevista política, a clareza e a objetividade. Quando a pergunta é direta, não possibilita que o entrevistado fuja do assunto. Como já foi argumentado, o papel do entrevistador é instigar, de modo sutil, o entrevistado, é mediar uma conversa para que o seu público-alvo faça a interpretação pessoal que desejar. Roberto D'Ávila faz exatamente isso nessa pergunta, questiona sobre o futuro, sobre as preocupações que o possível presidente do país terá com a população que o elegeu.

Para finalizar, esta análise, na 22ª pergunta escolhida entre as 87 iniciais. D'Ávila faz um questionamento que parece causar desconforto em Temer ao indagá-lo sobre a constante participação de José Serra (PSDB) na política externa e, em seguida, questiona se o presidente fará sua primeira viagem, como interino, para os Estados Unidos, uma vez que a viagem para esse país da América do Norte servirá como confirmação de sua posição como presidente do Brasil.

Segundo Chagas (2006, p. 174) “os anos se passaram, mudaram os governos, os políticos, os jornais e o formato das entrevistas. A televisão entrou em cena, o marketing político também. Mas a entrevista certa no momento certo – que sempre é errada para alguns – continua a ser matéria-prima do fato político”. A autora, em concordância com a postura de Roberto D'Ávila em seu programa, demonstra que um fato, principalmente o político, vem de entrevistas, embora, com o passar dos anos, as entrevistas e os entrevistados tenham mudado, elas não perdem os benefícios que concedem à sociedade e ao jornalista político.

Ainda em relação à pergunta 22, de acordo com o artigo 4º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007), “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no

relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação”.

6 CONCLUSÃO

O artigo se norteou em observar a conduta de Roberto D’Ávila com o presidente interino Michel Temer, durante entrevista na Globo News, época em que Dilma Rousseff foi afastada em função do processo de *impeachment*. Seguindo as etapas de organização e direcionamento da pesquisa, quanto aos seus objetivos específicos, o presente estudo buscou: Compreender os conceitos que relacionam a ética, a deontologia e os princípios éticos que regem a profissão dos jornalistas; identificar a relação entre jornalismo político e o papel do entrevistador; e observar a ética jornalística de D’Ávila.

De modo sucinto, com base nos autores referenciados na contextualização deste artigo, há a compreensão da ética, enquanto algo correto para estabelecer normas de comportamento e convívio. Durante toda entrevista Roberto D’Ávila faz uso da ética ao reconhecer as dificuldades que o ex-presidente Michel Temer enfrentaria ao governar interinamente, mas sem escolher um lado político como apoio, mantendo desse modo uma conversa harmoniosa e respeitosa.

Autores como Knoch (2003) destacam que a ética engloba a deontologia, pois trata-se de uma doutrina de deveres de uma sociedade, preceitos que posteriormente serviram para classes profissionais estabelecerem condutas de compromisso ético no exercício da profissão. Levando os princípios da deontologia para a ética jornalística, o direito do público é de ser informado, e o dever do jornalista é traduzir, reportar e informar de maneira ética.

Ao observar a conduta de D’Ávila durante a entrevista, pode-se perceber que ele cumpre o papel de um profissional ético ao informar o telespectador de maneira correta sobre todos os trâmites que envolviam o processo de afastamento de Dilma, inclusive aqueles nos quais Temer era considerado vilão da história. Como se observa na décima pergunta, em que ele contextualiza sobre o vazamento de sua carta enviada à presidente afastada, a qual continha escritos em latim, e à recorreu ao idioma quando escreveu uma carta para Dilma Rousseff, na qual acabou vazando, e finaliza a pergunta sobre a desconfiança de quem teria vazado a mensagem. Neste caso, nota-se a ética profissional por parte de D’Ávila, pois ele questiona o político e se mantém no assunto da pergunta até que Temer a responda.

Como em outras profissões, o jornalismo também possui seu código de ética. D’Ávila guiou a entrevista de modo que o tema *impeachment* estivesse em evidência, isso com

o objetivo de levar ao conhecimento dos telespectadores respostas e opiniões de Temer sobre o assunto. Com isso, pode-se observar que o jornalista se pautou nos pontos estabelecidos no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Dentre eles, o Art. 2º, Inciso I, que discorre sobre a informação que precisa ser correta por dever dos meios de comunicação, também o inciso IV, do mesmo artigo, que trata da importância da transparência na divulgação de informações por instituições públicas e privadas, sendo comparado a uma prestação de serviço para o coletivo.

Em resposta ao segundo objetivo específico deste artigo, sobre a relação entre o jornalismo político e o papel do entrevistador, destacam-se pontos da entrevista conduzida pelo jornalista. Por Michel Temer ser uma pessoa pública, e naquela ocasião estar no papel de presidente do Brasil, D'Ávila seguiu rituais com foco na vida do político, mas parte da entrevista foi em profundidade por tratar mais sobre a relação da figura “presidente interino” com o processo de *impeachment*, do qual Temer estava participando.

Ainda observando a conduta do jornalista na entrevista, pode-se notar que ele cumpre com excelência o papel da entrevista política, que conforme Helena Chagas (2006) é a matéria-prima do jornalismo. Isso porque D'Ávila traz ao conhecimento do público assuntos não divulgados pelas mídias e são com as respostas acerca deles que se tem conhecimento sobre os princípios do ex-presidente e “furos de reportagem”.

Podemos destacar quando Michel Temer é questionado se vai se candidatar para a eleição de 2018, ou se vai estar presente na abertura das Olimpíadas, mesmo com o risco de ser vaiado, e se a relação entre ele e Dilma era muito conturbada. Vale também lembrar que discursos políticos e entrevistas, têm o poder de desestabilizar ou consolidar regimes políticos.

Além disso, ao identificar o papel de D'Ávila acerca do jornalismo político e da sua atuação, entende-se que para um trabalho de excelência o profissional da comunicação deve ter como base os valores éticos, pois assim ele poderá se defender de futuras críticas. Por isso, compreende-se que a ética, além de possuir relevância para a índole do profissional, pode lhe proporcionar segurança diante de difamações. E essa proteção remete ao objetivo inicial de criação de um código deontológico que regulamenta cada profissão, como foi concretizado no jornalismo.

Em acordo com o terceiro objetivo específico proposto, que tratou de observar a ética jornalística do jornalista Roberto D'Ávila, no papel de entrevistador, e seu comportamento perante um fato político polêmico no Brasil, destacam-se as seguintes observações: ao entender os conceitos éticos aplicados em valores deontológicos no jornalismo, pode-se inferir que Roberto D'Ávila utilizou de seus conhecimentos prévios e científicos ao proferir perguntas a Temer. Isso em consonância com o Capítulo I art. 2ª do Código de Ética estabelecido pela

FENAJ, que trata sobre a divulgação da informação precisa e correta, pautada pela veracidade dos fatos e a liberdade de imprensa, uma vez que ele foi direto e preciso nos questionamentos, sem possibilitar interpretações ambíguas.

Como resolução da pergunta-problema, sobre qual foi a conduta ética de Roberto D'Ávila, sob a ótica do jornalismo, na entrevista com o presidente interino Michel Temer durante o processo de *impeachment* da então presidente do Brasil, Dilma Rousseff, no programa Roberto D'Ávila da Globonews, conclui-se que: Roberto D'Ávila apresentou caráter ético no decorrer da entrevista com o ex-presidente interino Michel Temer.

De acordo com os autores utilizados na fundamentação teórica deste trabalho, o jornalista manteve um diálogo franco, mas ameno e respeitoso, sem demonstrar preferência política, moral, religiosa. Além disso, manteve-se como mediador do discurso, ao dominar os rumos da entrevista, mostrando profundo conhecimento sobre a pauta referida, sempre fazendo conexões dos acontecimentos atuais com o passado político do país, com o cuidado de contrabalancear convicções políticas. Com isso, certifica-se que o entrevistador deve sempre assegurar seu papel único, de exclusivamente reportar e dirigir perguntas que seriam feitas caso a população tivesse essa autonomia, pois desse modo poderá executar sua função dentro dos anseios sociais, estabelecendo seu dever ético de informar mantendo a veracidade dos fatos.

Diante do exposto, conclui-se que, na entrevista em questão, o jornalista Roberto D'Ávila demonstrou conduta ética, em toda sua essência, durante o programa com o ex-presidente Michel Temer. Entretanto, sugere-se uma contínua investigação sobre seu comportamento em entrevistas com outros convidados, para que possa concluir se o jornalista mantém conduta ética ou se o episódio estudado foi um caso atípico.

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; SIMONS, Udo. **Jornalismo para leigos**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018. 304 p.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

CAMPONEZ, José Carlos dos Santos Costa. **Fundamentos de deontologia do jornalismo: a auto-regulação frustrada dos jornalistas portugueses: 1974-2007**. 2010. Tese de Doutorado.

CHAGAS, Helena **Jornalismo político: teoria, história e técnicas**. In: SEABRA & SOUSA (Orgs), Rio de Janeiro: Record, 2006. 159 – 179 p.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. Editora Contexto, 2012.

CLEMENTE, Fabiane apud GIL, A. C. (1999). **Pesquisa qualitativa, exploratória e fenomenológica: Alguns conceitos básicos**. Sítio Administradores. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/pesquisa-qualitativa-exploratoria-e-fenomenologica-alguns-conceitos-basicos/14316/>>. Acesso em 24 de setembro de 2020.

EGG, Rosiane Follador Rocha. História da ética. **Videoaula do Curso “Ética nas Organizações”**. Curitiba: IESDE, 2009.

FALCÃO, Joaquim; ARGUELHES, Diego Werneck; PEREIRA, Thomaz. **Impeachment de Dilma Rousseff: entre o Congresso e o Supremo**. Editora Letramento, 2017.

FERRER, Jorge José; ALVAREZ, Juan Carlos. **Para fundamentar a bioética: teorias e paradigmas teóricos na bioética contemporânea**. Edições Loyola, 2005.

FRAZÃO, Dilva. **Jeremy Bentham**: Filósofo inglês. [S. l.], 27 abr. 2018. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/jeremy_bentham/>. Acesso em: 17 set. 2020.

GLOBO INTERNACIONAL. **Roberto D’Ávila**. In: **Globonews - Roberto D’Ávila**. [S. l.], 2015. Disponível em: <<https://globointernacional.globo.com/Europa/Paginas/globo-news-roberto-davila.aspx>>. Acesso em: 10 set. 2020.

GLOBONEWS. **Roberto D’Avila entrevista o presidente em exercício, Michel Temer**. [S. l.], 23 jun. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/v/roberto-davila-entrevista-o-presidente-em-exercicio-michel-temer/5115539/#>>. Acesso em: 3 set. 2020.

Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. [S. l.], 4 ago. 2007. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 17 set. 2020.

JORNALISTAS, Portal dos. **Mauro Santayana**. [S. l.], 1 set. 2012. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20130515203614/http://portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=13017>>. Acesso em: 18 set. 2020.

KALSING, Rejane Margarete Schaefer. **O ser humano enquanto fim, tanto para si mesmo como para os demais: o princípio supremo da doutrina da virtude de kant**. Revista Signos, v. 33, n. 2, 2012.

KIPPER, Délio José. **Breve história da ética em pesquisa**. Revista da AMRIGS, v. 54, n. 2, p. 224-228, 2010.

KNOCH, Michael. **A deontologia dos assistentes sociais como ética profissional**. 2003.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 190 p.

LETRAS, Companhia das. **EUGÊNIO BUCCI**. [S. l.], 24 set. 2020. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=01241>>. Acesso em: 17 set. 2020.

MELO, José Marques de. **Jornalismo político: democracia, cidadania, anomia**. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, n. 35, p. 90-94, 2008.

NEVES, Ana Flávia; CAMPOS, Camila Correia de; GOULART, Destiny; LEONARDO, Vinicius. **Entrevistando quem entrevista**: jornalista e apresentador da Globo News compartilha histórias e dicas sobre esse gênero. [S. l.], 8 abr. 2019. Disponível em: <<https://medium.com/@miranamidia/entrevistando-quem-entrevista-jornalista-e-apresentador-da-globo-news-compartilha-hist%C3%B3rias-e-8d038531b006>>. Acesso em: 11 set. 2020.

NUNES, Jean Lucas do Carmo. **Perguntas e respostas**: as técnicas de entrevistas políticas na GloboNews. 2017.

PENA, Felipe. **Teoria da Comunicação**: conceitos, mídias e profissões. Rio, 2005.

PERSON, Coc by. **Saiba quem foi Immanuel Kant**. [S. l.], 20 dez. 2019. Disponível em: <<https://www.coc.com.br/blog/soualuno/historia/saiba-quem-foi-immanuel-kant>>. Acesso em: 17 set. 2020.

SANCHES, Cristiano; DE SOUSA, Luís Otávio. **ROBERTO FERRARETTO D'ÁVILA**. [S. l.], 14 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/roberto-ferraretto-d-avila>>. Acesso em: 15 set. 2020.

SANTAYANA, Mauro. **Jornalismo político: teoria, história e técnicas**. Rio de Janeiro: Record, 2006. 37-44 p.

VIZEU, Alfredo. **Telejornalismo, audiência e ética**. Biblioteca On-line de Ciência da Comunicação, 2002.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.